

Hannah Rothschild

A Baronesa do Jazz

*A vida de Nica,
a Rothschild rebelde*

Tradução

Juliana Lemos



Copyright © 2012 by Hannah Rothschild
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Baroness

Capa

Paula Santos de Carvalho

Foto de capa

Anônimo/ Fine Art/ AGB Photo

Índice remissivo

Probo Poletti

Revisão

Joana Milli

Ana Kronemberger

Rita Godoy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rothschild, Hannah

A Baronesa do Jazz / Hannah Rothschild ; tradução Juliana Lemos. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2016.

Título original: The Baroness : The Search For Nica, the
Rebellious Rothschild

ISBN 978-85-470-0004-2

1. Família Rothschild 2. Koenigswarter, Pannonica de, 1913-1988 3. Mulheres, músicos de jazz – Grã-Bretanha – Biografia
I. Título.

16-00632

CDD-781.65092

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Músicos de jazz : Biografia e obra 781.65092

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Sumário

| | |
|-------------------------------------|-----|
| 1. A outra | 11 |
| 2. Rainha das pulgas | 22 |
| 3. A Rosa da Hungria | 29 |
| 4. Lutar, fugir ou ficar | 39 |
| 5. Uma prisão comprida e escura | 46 |
| 6. Rothschildiana | 57 |
| 7. A borboleta e o blues | 67 |
| 8. A mais pura perfeição pré-guerra | 75 |
| 9. O comandante-chefe | 85 |
| 10. You're the Top | 91 |
| 11. Stormy Weather | 97 |
| 12. Pistol-Packing Mama | 109 |
| 13. Take the "A" Train | 117 |
| 14. Black, Brown and Beige | 125 |
| 15. O maior barato | 134 |
| 16. O Monk solitário | 143 |
| 17. Uma preta e uma branca | 155 |

| | |
|--|-----|
| 18. Bird | 166 |
| 19. Pannonica | 174 |
| 20. Strange Fruit | 185 |
| 21. Sangue, suor e lágrimas | 195 |
| 22. Me deixa louca | 205 |
| 23. Te amo | 217 |
| 24. 'Round Midnight | 226 |
| | |
| Epílogo | 231 |
| Seleção de músicas compostas para Nica ou inspiradas por ela | 235 |
| Agradecimentos | 237 |
| Entrevistas | 239 |
| Bibliografia | 241 |
| Documentários e filmes | 249 |
| Arquivos e bibliotecas | 253 |
| Índice remissivo | 255 |

I

A outra

Meu avô Victor foi a primeira pessoa a mencioná-la; estava tentando me ensinar um simples acorde de blues de doze compassos, mas minhas mãos de criança de onze anos eram duras e muito pequenas.

“Você é igual à minha irmã”, ele disse. “Adora jazz, mas não quer se esforçar para aprender a tocar.”

“Que irmã? A Miriam ou a Liberty?”, perguntei, tentando ignorar a alfinetada.

“Não, a outra.”

Que outra?

Mais tarde, naquele mesmo dia, eu a encontrei na árvore genealógica dos Rothschild: Pannonica.

“Quem é Pannonica?”, perguntei a meu pai, Jacob, que era seu sobrinho.

“Todo mundo a chama de Nica, mas realmente não sei mais do que isso”, respondeu, referindo-se à tia. “Ninguém nunca fala dela.” Nossa família é tão vasta e dispersa que ele não parecia surpreso por ter ignorado um parente próximo.

Não desanimei. Importunei outra tia-avó, a irmã de Nica, Miriam, a renomada cientista, que revelou que “ela mora em Nova York”, sem dar mais informações. Outro parente me disse: “Ela é a grande patrona do jazz, a Peggy Guggenheim ou o Médici do jazz”.

E aí vieram os sussurros:

É conhecida como a “Baronesa do Jazz”. Mora com um negro, um pianista. Pilotou bombardeiros Lancaster na guerra. Aquele saxofonista viciado em drogas, Charlie Parker, morreu no apartamento dela. Ela teve cinco filhos e morava com 306 gatos. A família a desertou (não desertou, não, alguém discordou). Vinte músicas foram escritas para ela (não, foram 24). Ela apostou corrida com Miles Davis na Quinta Avenida. Você sabe das drogas? Ela foi para a cadeia para que ele não precisasse ir. Quem é ele? Thelonious Monk. Foi uma verdadeira história de amor, uma das maiores.

“E como é a Nica?”, perguntei novamente a Miriam.

“Vulgar. Ela é vulgar”, respondeu Miriam, irritada.

“Como assim?”, insisti.

Miriam não entrou em detalhes, mas me deu o telefone da irmã. Quando fui a Nova York pela primeira vez, em 1984, liguei para Nica poucas horas depois de chegar.

“A senhora gostaria de se encontrar comigo?”, perguntei, nervosa.

“Isso é bem louco”, ela respondeu de um jeito que, sem dúvida, era bem pouco condizente com uma tia-avó de 71 anos de idade. “Venha me ver no clube em Downtown, depois de meia-noite.”

Aquela área da cidade ainda não havia sido urbanizada, e era famosa por venda de drogas e assaltos.

“E como eu acho esse clube?”, perguntei.

Nica riu.

“Procure o carro”, e desligou.

Era impossível não achar o carro. O enorme Bentley azul-claro estava mal estacionado, e, dentro dele, dois bêbados oscilavam nos bancos de couro.

“É bom que fiquem lá dentro — significa que ninguém vai roubar o carro”, explicou ela mais tarde.

Afastada da rua, havia uma pequena porta que levava a um porão. Bati com força na porta. Minutos depois, uma portinhola abriu na parte de cima e um rosto negro surgiu atrás da grade.

“Que foi?”, ele perguntou.

“Vim atrás da Pannonica”, respondi.

“Quem?”

“Pannonica!”, repeti, num sotaque inglês levemente desesperado. “As pessoas a chamam de Nica.”

“Ah, a Baronesa! Por que não disse logo?”

A porta abriu, revelando um pequenino salão no subsolo decadente, apertado e cheio de fumaça, onde havia várias pessoas sentadas, ouvindo um pianista.

“Ela está na mesa *dela*.”

Foi fácil avistar Nica, a única pessoa branca e a mais próxima do palco.

Mal lembrava a mulher que eu havia examinado detalhadamente nos álbuns de fotografia da família. Aquela Nica era uma debutante encantadora, com cabelos negros domados e penteados, sobrancelhas feitas em arco, seguindo a moda, boca pintada para formar um perfeito biquinho de lábios grossos. Em outro retrato, uma Nica menos elegante, com cabelos soltos e sem maquiagem, parecia mais a versão hollywoodiana de um agente duplo da Segunda Guerra Mundial. A Nica que estava diante de mim não se parecia nada com a versão mais jovem: sua incrível beleza havia se esvaído e agora aqueles traços que já foram delicados eram quase masculinos. Sempre me recordarei de sua voz, que era como as pedras de uma praia desgastadas por ondas de uísque, cigarros e noitadas, metade ronco e metade rosnado, frequentemente pontuada por gargalhadas repentinas e sibilantes.

Fumando um cigarro em uma piteira preta e comprida, o casaco de pele pendurado no encosto de uma cadeira alta e esguia, Nica sinalizou para que eu me sentasse numa cadeira vazia, depois da mesa um bule de chá e, despejou algo em duas xícaras de porcelana lascadas. Brindamos em silêncio. Eu achei que era chá, mas o uísque ardeu na garganta; engasguei e fiquei com os olhos cheios d’água. Nica jogou a cabeça para trás e riu.

“Obrigada”, respondi com a voz rouca.

Ela pôs o dedo nos lábios e, sinalizando com a cabeça para o palco, disse: “Shhh, apenas ouça a música, Hannah, apenas ouça”.

À época eu tinha 22 anos e não conseguia corresponder às expectativas, reais ou imaginárias, de minha distinta família. Sentia-me inadequada, incapaz de conseguir me virar sozinha, e, ao mesmo tempo, sem conseguir aproveitar ao máximo os privilégios e as oportunidades que me foram concedidos. Assim como Nica, eu não podia trabalhar no banco da família; o

fundador, N. M. Rothschild, havia decretado que as mulheres da família Rothschild só poderiam atuar como contadoras ou arquivistas. Em suspensão entre a universidade e o emprego, queria trabalhar na BBC, mas só conseguia colecionar cartas de rejeição. Embora meu pai, que seguira a tradição bancária da família, tivesse me encontrado trabalho por intermédio de diversos contatos, não tive êxito na administração de uma livraria, em uma construtora ou catalogando obras de arte. Deprimida e desanimada, não estava em busca de um modelo a seguir, mas de opções. No cerne dessa busca havia uma dúvida. Seria possível escapar do próprio passado? Ou será que estávamos presos para sempre sob as várias camadas de comportamentos herdados de nossos pais e das antigas expectativas?

Olhei para essa tia-avó recém-descoberta, do outro lado da mesa, e senti uma onda de esperança repentina e inexplicável. Um desconhecido que entrasse no clube simplesmente veria uma velha fumando seu cigarro e ouvindo um pianista. Poderia se perguntar o que aquela dama de pérolas e casaco de pele estava fazendo ali, balançando no ritmo da música, meneando a cabeça com uma expressão de prazer ao ouvir um solo específico. Eu via uma mulher que parecia estar em paz, que sabia onde era seu lugar. Ela me deu um único conselho: “Lembre-se, só se vive uma vez”.

Logo após nosso primeiro encontro, voltei para a Inglaterra, onde finalmente consegui um emprego na BBC e comecei a fazer documentários. Pensava em Nica constantemente. Naquela época, antes da internet e de passagens aéreas transatlânticas baratas, era difícil viajar para os Estados Unidos e manter amizade em outro continente. Nós nos encontramos na casa de sua irmã Miriam, em Ashton Wold, na Inglaterra, e outra vez na minha viagem seguinte a Nova York. Mandeí cartões-postais para Nica; ela me enviou discos, inclusive um chamado *Thelonica*, um álbum de Tommy Flanagan que é um tributo musical à amizade dela com o pianista de jazz Thelonious Monk. Uma das faixas se chamava “Pannonica”. Na parte de trás, escrevera: “Para a querida Hannah, com muito amor, Pannonica”. Fiquei pensando em Thelonious e Pannonica; como duas pessoas de nomes tão estranhos e passados tão díspares vieram a se conhecer? O que poderiam ter em comum?

Ela me pediu para tocar o disco para meu avô, Victor, que disse apenas que gostou muito. “Ele não entendia o Monk também”, disse Nica.

Gostei do meu papel de mensageira musical entre irmão e irmã. Outra vez, ela me pediu para dar a meu avô um dos discos de Barry Harris. Novamente, a reação foi sem entusiasmo. Na vez seguinte em que a encontrei, contei para ela. “Desisto”, disse Nica, com desdém. “Ele só gosta de jazz tradicional.” E caiu na gargalhada.

Nica era divertida. Vivia para o momento, não era introspectiva ou didática, e não tentava soterrar as pessoas com seu conhecimento ou experiência. Era um alívio se comparado a estar na presença de seu irmão Victor ou sua irmã Miriam, quando os encontros eram um ataque intelectual, um decátlon mental em que você precisava mostrar o quanto sabia e quanto de lógica, raciocínio, conhecimento e brilhantismo possuía. Quando entrei na Universidade de Oxford, meu avô me ligou para perguntar: “O que você vai estudar?”. Admiti que tive sorte de conseguir ser aceita. Ele desligou, decepcionado. Aos 94 anos, Miriam me perguntou quantos livros eu estava escrevendo. Nenhum ainda, respondi, mas disse que já estava fazendo outro filme. “Já fiz tantos filmes que perdi a conta”, ela disse. “Estou escrevendo dez livros, incluindo um sobre haiku japonês.” E desligou.

Eu não entendia muito de jazz, mas Nica nunca fez com que eu me sentisse deslocada, nem ligava por eu não ter a menor ideia do que significavam certas gírias do jazz. Mas de uma coisa ela tinha certeza absoluta: Thelonious Monk era um gênio, no mesmo patamar de Beethoven. Chamava-o de “o Einstein da música”. Se havia sete maravilhas no mundo, dizia ela, ele era a oitava.

Quando eu estava planejando uma viagem para Nova York em dezembro de 1988, para filmar um documentário sobre o mundo da arte, reservei três noites para ficar com Nica, e também havia elaborado perguntas para ela. Mas no dia 30 de novembro de 1988 ela faleceu de repente, depois de uma cirurgia de ponte de safena. Havia perdido minha oportunidade. Perdi minha tia-avó.

Aquelas perguntas não feitas continuavam a pairar em minha mente. Surgiam lembranças repentinas e inesperadas: o vislumbre do horizonte de Nova York num longa-metragem; um refrão de uma música de Monk; ver sua filha, Kari; o cheiro de uísque. Enquanto eu passava a vida profissional fazendo retratos em filme de outras pessoas, vivas e mortas, havia outro

plano se desenvolvendo. Fiz filmes sobre colecionadores, artistas e outsiders: assuntos e temas que eram relevantes para Nica e sua história. Talvez sua morte prematura não significasse o fim de nosso relacionamento; talvez aquelas perguntas pudessem ser feitas de maneira póstuma, a seus amigos e parentes ainda vivos.

Lentamente, comecei a montar um esboço de sua vida. Ela nasceu em 1913, antes da Primeira Guerra Mundial, numa época em que nossa família estava no ápice do poder. Teve uma infância privilegiada e cheia de regalias, e morava em mansões repletas de obras de arte. Mais tarde, casou-se com um belo barão, com quem teve cinco filhos; fora dona de um magnífico castelo na França, usava vestidos e joias de estilistas, pilotava aviões, dirigia carros esportivos e cavalgava. Parte de uma glamorosa alta sociedade, vivia em um mundo cosmopolita habitado por magnatas, realeza, intelectuais, políticos e playboys. Podia encontrar quem quisesse e ir aonde quisesse, e frequentemente o fazia. Para aqueles que têm pouco ou nada, tal existência deve parecer o paraíso. Mas um dia, em 1951, sem aviso, ela abriu mão de tudo e foi morar em Nova York, trocando os amigos de classe alta por um grupo de brilhantes músicos negros itinerantes.

Ela literalmente desapareceu da vida inglesa, mantendo contato apenas com os filhos e membros mais próximos da família. O vislumbre seguinte que a maioria das pessoas teve de Nica foi quando suas excentricidades apareceram nos jornais. “Rei do bebop morre no quarto da Baronesa” foi manchete nos dois lados do Atlântico, assim como notícias de que ela estava sendo presa por posse de drogas. Ela ressurgiu interpretada por uma atriz na cinegrafia de Charlie Parker, *Bird*, dirigida por Clint Eastwood, e depois como ela mesma no documentário *Straight, No Chaser*. A filmagem original foi feita em 1968 por dois irmãos, Christian e Michael Blackwood, que, usando uma câmera portátil, seguiram Monk desde o momento em que se levantava da cama até a casa de shows, passando por aeroportos e ruelas, capturando em celuloide todos os resquícios e detalhes de sua vida diária. As filmagens incluíam cenas com sua amiga, a Baronesa Nica de Koenigswarter, que tinha o sobrenome Rothschild quando solteira.

Nessas filmagens, tive o primeiro vislumbre de Thelonious Monk. Pairando ao fundo estava minha tia-avó.

“Vocês sabem quem ela é?”, pergunta o alto sacerdote do jazz para a câmera enquanto dança no pequeno porão. Pesando mais de cem quilos e com mais de 1,90 metro de altura, o pianista parece ao mesmo tempo gracioso e fora de proporção enquanto rodopia, trajando seu terno elegante, gotas de suor brilhando na pele escura. Monk cantarola enquanto se movimenta da pia até a mesa, os pesados anéis de ouro batendo no copo de uísque. De repente, resoluto, ele se vira para a câmera.

“Perguntei se vocês sabem quem ela é”, vocifera para a equipe de filmagem.

Ninguém responde, então Monk aponta para o outro lado do aposento. A câmera segue seu olhar e se fixa numa mulher branca, Nica, cercada de quatro homens negros naquela cozinha-camarim, a área de espera entre a rua e os shows. A câmera captura a cena; não há um pingão de glamour no lugar, com sua lâmpada nua e uma pilha de pratos sujos. A mulher também não parece a típica *groupie* ou fã de rock: já passou há anos dos quarenta, tem cabelos escorridos até os ombros, veste uma camiseta listrada e uma jaqueta que não valorizam sua atraente silhueta. Sem dúvida não parece herdeira nem *femme fatale*.

“Sabiam que ela é uma Rothschild?”, insiste Monk. “Foi a família dela que deu dinheiro para o rei derrotar Napoleão.” E então, voltando-se para Nica, diz: “Digo para todo mundo quem você é, tenho orgulho de você”.

“Não se esqueça de que eles também financiaram o canal de Suez, só por garantia”, ela responde, certamente meio bêbada. Nica olha para Monk com uma mistura de ternura e admiração antes de se concentrar na tarefa de colocar um cigarro na boca.

“Mas isso foi há um ano, ou mais”, interrompe um músico mais jovem.

“Toma aqui o canal de Suez”, diz Nica, prendendo o cigarro entre os dentes da frente e segurando um canal imaginário na mão.

“Que doido”, comenta o cara mais jovem.

“Eu digo para todo mundo quem é você”, diz Monk. Para um homem cuja primeira língua supostamente é o silêncio, ele é bastante loquaz. “Sabem quem ela é?”, Monk pergunta novamente, aproximando-se da câmera para o caso de alguém não estar prestando atenção. “Ela é uma bilionária, uma Rothschild.”

Vi essas cenas diversas vezes, em busca de pistas sobre Nica, tentando imaginar a reação de seus antigos amigos e da família extensa. Perguntei a meu pai, Jacob, o que todos achavam daquilo. “Não falávamos muito sobre ela”, ele respondeu.

Mas e quando ficaram sabendo que ela foi parar na prisão ou quando o famoso saxofonista foi encontrado morto no apartamento dela?, insisti.

Meu pai hesitou. “Acho que ficamos meio confusos, um pouco chocados.”

Virei detetive amadora. O que havia feito Nica abandonar as mais suntuosas salas de estar e ir parar no mais pobre dos porões? Partir teve consequências reais. O divórcio, naquela época, era caminho certo para o ostracismo social, e raramente a custódia dos filhos era dada às mulheres que saíam de casa. Sem nenhuma formação ou carreira, Nica dependia da família para sobreviver. Será que havia algum segredo terrível, algum motivo obscuro que explicasse por que de repente saiu correndo do país para aquele ambiente estrangeiro?

Talvez estivesse louca. Fizera algumas declarações em público um tanto excêntricas. Ao ser indagada por um jornalista sobre por que seu casamento terminara, Nica respondeu: “Meu marido gostava de música percussiva”. Ela disse ao cineasta Bruce Ricker que o que definiu sua mudança para Nova York foi ouvir um disco. “Devo ter colocado o disco para tocar umas vinte vezes, uma atrás da outra, e depois mais algumas. Perdi meu voo e nunca mais voltei para casa.”

“Ela comprou um Cadillac para o Art Blakey, e você sabe o que isso significa”, alguém me disse.

Como assim?

“Bom, ninguém compra um carro do nada para outra pessoa, certo?”, ele respondeu, em tom malicioso.

Havia outros boatos, sobre outros homens. E se eu descobrisse que minha tia não tinha sido nada além de uma diletante, uma mulher liberal, atraída por determinado estilo de vida? E se não houvesse nada de mais em sua história de vida? O que eu faria com essas informações?

Mas a Nica que conheci, a pessoa que parecia centrada, determinada, não era uma harpia maluca. Perdeu a custódia dos filhos mais novos, mas nunca os abandonou: na verdade, sua filha mais velha, Janka, veio para